

Nos arquivos da Okhrana aparecem três datas de nascimento: 1891, 1893, 1896. Isso não se deve apenas aos documentos falsos de que se serviam os revolucionários; uns trocadinhos para o escriba ou para o pope e o assunto estava resolvido: mais uma prova da corrupção dos burocratas.

Com quatro anos, já sabia ler e escrever; com nove, ia com o pai para o café Saratov, perto do mercado judeu, onde, numa mesa de canto, junto à escarradeira de porcelana, ele trabalhava como escrivão público. O lugar era freqüentado por oficiais do império aposentados, com suas barbas ruivas flamejantes e seus olhos fundos afogados em álcool, e também pelos proprietários das lojas vizinhas, judeus convertidos que usavam longos cafetãs sebosos e que tinham nomes russos que entravam em atrito com seu jeito semita de andar (três mil anos de escravidão e a longa tradição dos pogroms criaram um modo de andar específico dos guetos). O pequeno Boris Davidovitch redigia suas reclamações, pois já escrevia melhor que o pai. À noite, dizia-se, a mãe lia para ele o Livro dos Salmos, entoando-os. Quando tinha dez anos, um velho capataz falou-lhe da revolta dos camponeses de 1846: uma história rude, na qual o cnute, o sabre e o patíbulo desempenhavam o papel de justiceiros. Com treze anos, sob a influência do *Anticristo* de Soloviev, fugiu de casa, mas foi levado de volta de um distrito afastado, escoltado pela polícia. Segue-se uma interrupção súbita e inexplicável: vamos encontrá-lo novamente no mercado, onde vende garrafas vazias a dois copeques e oferece em seguida fumo contrabandeado, fósforos e limões. Sabe-se que nessa época seu pai caiu sob a influência nefasta dos niilistas e que conduziu a família à beira do abismo. (Há quem diga que a

tuberculose contribuiu para isso, provavelmente vindo na enfermidade os sintomas de um traíçoeiro niilismo orgânico.)

Com catorze anos, trabalha como aprendiz num açougue, onde prepara a carne *kosher*. Um ano e meio depois vamos encontrá-lo lavando louça e limpando samovares naquele mesmo café onde antigamente redigia reclamações; com dezesseis anos, no arsenal de munições de Pavlovgrad, onde classifica granadas de artilharia; com dezessete anos, estivador em Riga, onde, durante as greves, lê Leonid Andreiev e Scheller-Mikhailov. No mesmo ano, vamos encontrá-lo na fábrica de caixas e embalagens Theodore Kibel, onde trabalha por cinco copeques por dia.

Fatos não faltam em sua biografia; o desconcertante é sua cronologia, que os nomes falsos e a sucessão vertiginosa dos lugares tornam ainda mais complicada. Em fevereiro de 1913 está em Baku; é mecânico auxiliar numa locomotiva. Em setembro do mesmo ano, é um dos líderes da greve na fábrica de papel de parede de Ivanovo-Voznesensk; em outubro, é um dos organizadores das manifestações de rua em São Petersburgo. Detalhes não nos faltam: a polícia-montada dispersando os manifestantes a golpes de sabre e de chicote de couro negro, variante do cnute adotada pelos junkers. Boris Davidovitch, conhecido na época pelo nome de Bezrabotni, consegue fugir pela entrada de serviço de um bordel da rua Dogorkovska; passa alguns meses dormindo com os mendigos nos banhos públicos, que estavam em obras, depois consegue entrar em contato com um grupo terrorista que prepara atentados a bomba; sob o nome do vigia noturno dos citados banhos (Novski), vamos encontrá-lo na primavera